

## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

### DA DIÁSPORA DE STUART HALL PARA DANÇA DE MERCEDES BAPTISTA

#### Educação, Linguagem e Memória

*Viviane Maria Candioto<sup>1</sup> (vivianecandioto@hotmail.com)*

#### Introdução

Dança não se faz apenas dançando, mas pensando, questionando, refletindo e participando. As interações possibilitam não só questões éticas, mas também questões da vida mesmo. Somos sujeitos construídos por cultura à qual impregnada, modela e governa os conhecimentos individuais de cada um.

Quando nos referimos à bailarina clássica, é fato que não nos vem à mente personalidades da raça negra, todavia, ao pensar na dança afro, aí sim, a bailarina negra ganha imagem. Perceber essa pequena sutileza nos faz pensar que mulheres negras, enquanto personagens de produção artística são pouco ou nunca citadas.

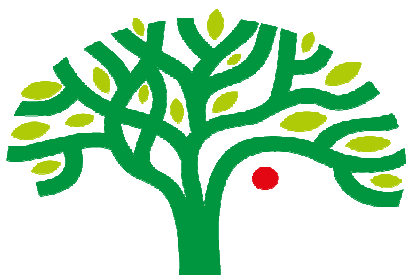
Stuart Hall quando problematiza o trajeto histórico do negro arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político e depositado em uma categoria racial imposta pelo colonialismo. Segundo o autor Luiz Luna (1968, p.16) é que “para se falar sobre a cultura afro-brasileira não se poderia deixar de mencionar o período escravo que se constituiu numa mancha impossível de ser apagada”.

Os primeiros passos da dança clássica em território brasileiro partiram de dois fatores do panorama internacional, a Revolução Russa de 1917 e o contexto da Segunda Guerra Mundial, em que várias famílias de origem aristocrática e artistas fugiram, impulsionando jovens bailarinos e coreógrafos a realizarem turnês pela América.

A trajetória pessoal e profissional da bailarina/coreógrafa Mercedes Baptista que através de seu trabalho marca uma guinada na dança afro-brasileira. A escritora e

---

<sup>1</sup> Artista da Dança, professora e pesquisadora, graduada em Educação Física (UFRGS), com Especialização em Fisiologia do Exercício (UNESC) e Mestre em Educação (UNESC).



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

pesquisadora Elisa Larkin Nascimento admiradora de Mercedes, a partir de 1978, acrescenta em seu testemunho que:

[...] Como todos os fenômenos da cultura negra - para Mercedes Baptista, uma mulher negra que ousou almejar e galgar espaços novos numa sociedade discriminatória, esse fato significou a necessidade constante de superar obstáculos. Mas além de ousada, Mercedes se revelou corajosa. Enfrentava tais obstáculos, os superava e ia muito além: diferente de algumas artistas negras da época, ela nunca negou a existência dessas barreiras na tentativa de legitimar-se junto à elite, ganhando sua aceitação e seu louvor. A trajetória de Mercedes se confunde com a luta dos negros brasileiros contra a discriminação [...]. (JÚNIOR, 2007, p. 7)

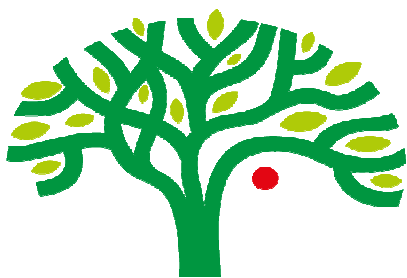
A dança é um processo de construção identitária da mulher negra e o seu reconhecimento como pertencente a um grupo social. Pretendo lançar um olhar para os elementos históricos e contribuir para a percepção da beleza negra como um corpo que dança entrelaçado por memórias e culturas. Recuando na história da África, observam-se rápidas e trágicas mudanças durante o período entre 1880 e 1910. Segundo o editor Albert Adu Boahen (2010) sobre a historicidade Africana nos diz que:

[...] “O desenvolvimento desse drama foi verdadeiramente espantoso, pois até 1880 apenas algumas áreas bastante restritas da África estavam sob a dominação direta de europeus. [...] Só na África meridional é que a dominação estrangeira se achava firmemente implantada, estendendo-se largamente pelo interior da região. [...] Conseqüentemente, para recrutar a mão de obra africana, era preciso lançar mão da força, quer abertamente, quer sob a proteção das leis dos novos regimes coloniais. Formas evidentes de trabalho forçado e mal escondidas formas de escravidão marcaram, portanto, a consolidação da economia colonial na África.” (BOAHEN, 2010).

O povo africano sempre respeitou seus costumes, religiões e origens. Os escravos mantinham momentos de diversão, festas, danças, como uma forma de esquecimento para seus sofrimentos e desencantos.

### **Stuart Hall e Diáspora**

Dança e corpo são elementos de um mesmo conjunto. Toda dança pressupõe um corpo, fruto de uma cultura, uma época, uma sociedade. É fato que há uma divisão social, hierarquizada e valorizada de diferentes formas e que podemos chamar de “gosto”. Segundo



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

Bourdieu (2009 apud SIQUEIRA; SNIZEK 2013, p. 20), isso significa que também os “gostos, formas de apreciação e julgamento incorporados que se transformam a passos largos”.

O público que frequenta os espetáculos de dança contemporânea também pode frequentar espetáculos de dança clássica, ou seja, são portadores de um gosto diversificado, múltiplo.

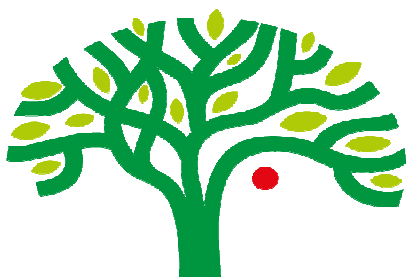
Nesse contexto, busco o jamaicano Stuart Hall que, radicado na Inglaterra, viveu intimamente os dois lados do colonialismo, jamaicano e inglês. Hall (2003, p. 26) aponta para a importância das questões geradas pela diáspora e acrescenta que são questões que refletem tanto nas artes quanto na cultura. A identidade de um “sujeito imaginado está sempre em jogo”.

Para Hall (2003, p. 27), “na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas”. Portanto, diáspora é primeiro, ausência de lar que se reconstrói em seguida num determinado ambiente e vem acompanhada com sentimento de identificação com o que foi perdido. Em relação aos negros que foram trazidos e escravizados no Brasil, ficou uma cultura para todos que vivem neste país.

Sob o ponto de vista da diáspora de Stuart Hall, o corpo do bailarino brasileiro está mergulhado em sua razão histórica e por isso, ao dançar, observam-se a versatilidade do corpo composto de ritmo e com facilidade para o entendimento musical. Para isso, é pertinente a reflexão da trajetória da primeira bailarina clássica negra ao ingressar no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Mercedes Baptista, teve que enfrentar o preconceito. Em sua jornada, observa-se que é possível identificar que o negro brasileiro carrega uma ferida aberta de um corpo escravizado, discriminado e, por vezes, violentado. Ler sua história despertou sentimentos e emoções, que compartilhados, resultou em um olhar diferente na minha percepção.

### **Mercedes Baptista**

Nascida em Campos dos Goyatacazes, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro ainda criança, onde começaram seus estudos no Colégio Municipal Homem de Mello, na Tijuca. De



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

família pobre, começou a trabalhar cedo na bilheteria de um cinema, onde se encantou pela vida de artista nos palcos. (JÚNIOR, 2007, p. 12).

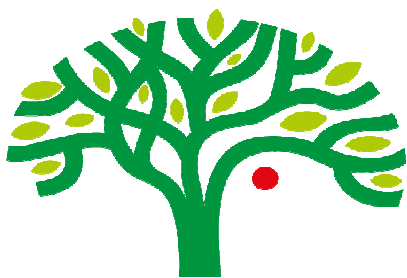
Mercedes iniciou seus estudos em balé clássico e dança folclórica em 1945, no Serviço Nacional de Teatro do Rio de Janeiro, com Eros Volússia. Na figura de uma jovem bailarina, foi a primeira mulher negra que enfrentou as rígidas regras de passar em um exigente concurso e fazer parte do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 18 de março de 1948. Ela, juntamente, com o bailarino Raul Soares se tornaram os primeiros bailarinos negros a serem admitidos na Casa de Espetáculos. No livro, o autor revela a discriminação racial que era imposta ao corpo negro e expõe que após o contrato assinado como bailarina profissional Mercedes percebeu que devido sua cor era excluída de tudo, mal pisava nos palcos. (JÚNIOR, 2007, p. 20). Em entrevista publicada pelo jornal O Globo, em 25/01/81, ela relata:

“[...] - Madeleine Rosay, Vaslav Veltschek, Edy Vasconcelos e Nina Verchinina me deram boas oportunidades na carreira, sem olhar minha cor. Os problemas vieram depois. Eu me vi de repente excluída de tudo, e nem que pusesse um capacho cobrindo meu rosto me deixavam pisar em cena. Só uma vez atravessei o palco usando sapatilhas de pontas e, ainda assim, lá no fundo [...]”. (JÚNIOR, 2007, p. 20).

Melgaço (2007) aponta no sentido da questão da discriminação racial como um fator determinante para o afastamento de Mercedes dos palcos na época. Ele narra segundo testemunho de Mercedes onde diz:

[...] “Tudo foi sempre muito difícil, mas quem iria assumir ou deixar claro que parte das minhas dificuldades era pelo fato de que eu não era branca? Nunca iriam me dizer isso, nem dizer que o problema era racial, mas eu sabia que era e, por isso, sempre lutei cada vez procurando me aperfeiçoar”[...]. (JÚNIOR, 2007, p.21).

Na época, a cultura popular não era considerada aos intelectuais, porém com a multiplicidade dos corpos no Brasil incorporaram uma nova linguagem. Na época de Mercedes, os estrangeiros pioneiros do balé no Brasil viram-se obrigados a abrir espaço para essa diversidade de corpos.



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

Melgaço (2007) apresenta o panorama do movimento negro no Rio como objetivo de valorizar a identidade cultural do negro brasileiro e acrescenta que foi a partir desse momento que Mercedes Baptista passa, então, a representar o Teatro Experimental do Negro como bailarina, colaboradora e mais tarde como coreógrafa. Os processos identitários da beleza da corporeidade negra começa a ganhar espaço no cenário da dança brasileira. A bailarina apresenta-se impregnada de suas particularidades, mas composta de inovações cujo tom diaspórico torna-se visível.

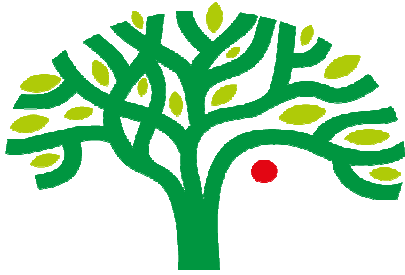
### **Considerações Finais**

O presente estudo objetivou identificar a trajetória da bailarina clássica negra Mercedes Baptista, buscando a compreensão para a negação do corpo negro em representações de produção artística na área da dança brasileira. Através da narrativa de Paulo Melgaço pude perceber que também trago uma história de negação quanto minha estrutura corporal e a dança clássica. Lembro-me das vezes que questionei meus caminhos como profissional da dança e não constituir um corpo longilíneo ao fazer alguns passos.

Quanto ao amor que sinto pela dança, ainda busco palavras, pois, ser professora faz parte da minha realidade e dança não se faz apenas dançando, mas também pensando, pesquisando, criando e descobrindo. A história de Mercedes Baptista exalta olhares para uma nova especificidade de movimento. A integração da diáspora africana na produção de ações artísticas na área da dança é uma forma de politizar e afirmar a beleza do corpo dos bailarinos brasileiros.

Os estudos de Stuart Hall e Paulo Melgaço trouxeram-me um entendimento de que o bailarino se constrói tanto no palco artístico quanto nos palcos da vida. Somos sujeitos impregnados de história e elucidá-las é o melhor caminho para nos conhecermos mais. É nesse contexto que a dança afro dá ao corpo escravizado sua liberdade.

A dança é uma construção social que vem mudando e resignificando através dos tempos. Se a identidade é pertencer a um grupo social, a dança afro-brasileira é determinante para aceitação da mulher afrodescendente.



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

### Referências

BOAHEN, Albert Adu Boahen. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 /– 2.ed. rev.** – Brasília: UNESCO, 2010. 1040 p.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva. **Mercedes Baptista - A Criação da Identidade Negra na Dança**. Copyright - 2007 Paulo Melgaço da Silva Júnior

LUNA, Luiz. **O Negro na luta contra a escravidão**. Leitura: Rio de Janeiro, 1968.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.); SNIZEK, Andréa Bergallo. Org.). Dança e gosto como campo social. In: **Argumentos do Corpo**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2013.